

05-09-2022

Anarquia

Sindicalismo Negro ¹

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de clipping]

Continuando a analogia cromática iniciada em [Sindicalismo Amarelo](#) (05/08/22), hoje conversaremos sobre a história da “bandeira negra” que, como se sabe, representa a Anarquia - luta, resistência à opressão, ao poder, às hierarquias - em contraposição ao simbolismo da bandeira branca de paz, concordância, resignação. Negra também é a cor do luto pelos trabalhadores mortos. Negra é a fome, a miséria, a desigualdade, a injustiça social, o racismo, a homofobia, a violência contra as mulheres... A palavra anarquia, do grego *anarkhia* (*an* = sem + *arkhê* = soberania, reino, magistratura), significa ausência de governo. Anarquia (a teoria, a ideia) e anarquismo (o sistema que se aplica) nascem na virada dos séculos XIX/XX, no seio dos movimentos operários, em resposta à organização da sociedade capitalista assentada sob o poder do estado, da igreja, da família e da propriedade. O sistema anarquista propõe uma organização social independente, em que as pessoas tenham total liberdade num mundo sem fronteiras mas também responsabilidades para com a coletividade, compartilhando espaços de vida, meios e bens da produção. Os valores de liberdade e igualdade que floresciam após a Revolução Francesa e enfraqueciam o poder religioso, a expansão mundial da produção, tecnologias e imigração de trabalhadores, a conscientização e o protagonismo dos oprimidos nas lutas de classes

incentivadas pelo Manifesto Comunista (Marx e Engels, 1848) fortaleceram a ideia de que a transformação da sociedade deveria partir da ação da classe operária. Nesse contexto, surgem também divergências entre correntes ideológicas de esquerda na [Associação Internacional dos Trabalhadores](#) (1864), originando a ideologia anarquista que teve

marcada influência nas lutas operárias mundo afora (inclusive no Brasil), e se mantém nos dias atuais em avanços e recuos. Esse ideário, sintetizado no monograma ao lado, é um dos símbolos mais conhecidos do Anarquismo. Remete à famosa expressão “*a sociedade busca a ordem na anarquia*” do filósofo (precursor do anarquismo) Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), com o A de Anarquia envolto pelo O de ordem. A origem, motivações e autoria deste [símbolo](#) são controversas, mas não impediram sua popularidade e suas derivações em movimentos recentes de inspiração anarquista como o Okupa (ocupações urbanas).



Símbolo do
Anarquismo

A história da bandeira negra - símbolo desfraldado nas manifestações anarquistas como no [enterro do operário espanhol Martinez](#) assassinado pelo Estado brasileiro na greve geral de 1917 - ilustra a centralidade das lutas por melhores condições de trabalho e de vida, inclusive nos movimentos liderados por mulheres, em muitos países. Não poderia ser diferente visto que as manufaturas têxteis que impulsionaram a expansão capitalista na industrialização eram movidas também por mãos femininas e infantis. Teciam também rebeliões contra a exploração operária, e de suas crianças. Os primeiros protestos com a bandeira negra e a inscrição “*Viver de trabalho livre ou morrer lutando!*” datam de 1831, sendo marcante a rebelião de tecelões da seda em Lyon/França. Massacrados e mortos pela Guarda Nacional, voltaram a se rebelar em 1834 durante seis dias sendo novamente reprimidos pelo Estado francês. Como na canção [Les Anarchistes](#) (Léo Ferré, 1968²): *Eles têm uma bandeira negra / A meio mastro na Esperança / E a melancolia / Para andar a vida / Facas para fatiar / O Pão da Amizade / E armas enferrujadas / Para não esquecer / Que não há um em cem e ainda assim eles existem / E eles se abraçam de braços dados / Felizes, e é por isso que eles continuam de pé / Os anarquistas.*

Mas foi Louise Michel (1830-1905) – professora, poetisa, republicana e comunista que se reconheceu anarquista na Comuna de Paris (1871) – que a transformou em emblema libertário ao flamular uma saia preta num cabo de vassoura em manifestação de desempregados em Paris em 1883, com saques a padarias, sendo condenada a seis anos de prisão por incitação à pilhagem. No dia seguinte, jornais publicavam que trabalhadores famélicos empunharam a bandeira em sinal de luto ([veja](#)) contra a morte de trabalhadores em luta, a carestia, o desemprego, e por melhores condições de vida e trabalho...

Louise Michel era filha de uma serviçal com o filho da nobreza, foi educada pela família paterna. Escreve diversas [obras literárias](#), torna-se professora e se dedica à educação infantil aos vinte anos. Impedida de lecionar em escolas públicas – por se recusar a jurar lealdade ao imperador – funda escolas livres onde ensina princípios republicanos mas é perseguida pelo governo. Muda-se para Paris, continua a lecionar e dedica-se à política revolucionária. Escreve muitos textos sob o heterônimo “Enjolras”, personagem de “Os Miseráveis” (1862), de Victor Hugo, por quem se encanta e troca cartas durante anos, sendo por ele retratada em algumas obras. Louise viveu e militou junto a intelectuais, jornalistas e ativistas da oposição. Escrevia para “O Grito do Povo”, integrava a Liga Democrática que auxiliava desempregados a terem vida digna, integrou movimentos republicanos e socialistas, durante a guerra franco-prussiana fundou refeitório comunitário para combater a fome dos pequenos, e, ao se unir à ala mais radical do anarquismo, se dispôs a dissolver o governo.

Na Comuna de Paris (18 de março – 28 de maio de 1871), Louise se multiplica no cuidado aos feridos nas barricadas do cerco de Paris, veste a farda da Guarda Nacional, atua na infantaria dos canhões, mantém a comuna em Montmartre, a tiros resgata sua mãe da detenção, mas também assiste à execução de Théophile Ferré, seu amor, e de amigos libertários.

Essa Comuna é tida como a primeira experiência de autogoverno proletário no capitalismo nascente, tendo influenciado o formar-se a classe dos trabalhadores franceses nos anos oitocentos.

Indignada com as execuções, Louise reivindica o direito a assassinar o juiz que os condenou mas é detida. Reafirmando lealdade à Comuna, desafia o tribunal a executá-la. Talvez por recearem transformá-la em mártir, é ‘apenas’ exilada na Oceania. No exílio, Louise continua a ensinar crianças e participa de movimentos revolucionários. Os integrantes da Comuna de Paris foram anistiados em 1880. Louise retorna à Paris, é presa em diversas outras ocasiões, mantém-se revolucionária, ministra conferências difundindo os ideais libertários, sofre tentativa de assassinato a tiros...

Aos 65 anos (1895) resgata O Libertário, jornal que se tornaria importante difusor do ideal libertário em vários países. Obstinada, mesmo após a morte (por pneumonia), sua luta por justiça social continua, seu nome está em escolas, ruas, estações de metrô...

A história e as palavras da “grande dama do anarquismo francês” inspiram:

"Com a abundância de alimentos nutritivos nesse mundo futuro, deve haver arte também. Nessa próxima era, as artes serão para todos... pertencerão a toda a raça humana. [...] A ignorância já fez mal o suficiente. O privilégio do conhecimento é pior do que o privilégio da riqueza. As artes são parte dos direitos humanos, e todos precisam delas."

(Louise Michel)

♦ ♦ ♦

Notas: 1. Metaforicamente, as tendências políticas no sindicalismo podem ser designadas em analogia às cores: amarelos (católicos); negros (anarquistas); vermelhos (comunistas); e rosas (socialistas). (veja, p.298)
2. Léo Ferré (1916-1993) a cantou pela primeira vez nos protestos de maio de 1968 na França.

Prisão de Louise Michel em maio de 1871.
Jules Girardet, 1871. (óleo)
Musée d'Art et d'Histoire de Saint-Denis.



Louise Michel flamula a saia preta.
(Paris, 09/03/1883) (Ilustração em jornal)

Louise Michel no exílio (1873-1880).
Gravura Costa/Leemage



OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.